

DEVI, VIMALA. *MONSOON*. TRADUÇÃO PAUL
MELO E CASTRO. INTRODUÇÃO JASON KEITH
FERNANDES. LONDON, NEW YORK, CALCUTTA:
SEAGULL, 2019.

Cielo Griselda Festino

Docente de Literaturas de Língua In-
glesa na Universidade Paulista (UNIP).

Monsoon (2019) é uma tradução para o inglês do livro de contos *Monção* (1963/2003) da autora goesa de língua portuguesa, Vimala Devi, pelo professor de literaturas de língua portuguesa Paul Melo e Castro (University of Glasgow). O livro traz uma introdução escrita pelo Dr. Jason Keith Fernandes, uma nota sobre a tradução de Melo e Castro e um glossário de termos em concani, a língua oficial de Goa, e em português, traduzidos para o inglês. Pelo valor literário da obra e a qualidade da tradução, *Monsoon* apareceu no Globetrotter List de 2019 do *The New York Times*.

Vimala Devi é uma das escritoras de língua portuguesa de Goa, ex-colônia portuguesa na Índia (1510-1961), mas destacadas e estudadas. Antes de *Monção*, Devi publicou sua outra obra prima de ficção, também em língua portuguesa, o livro de poemas *Suria* (1962). Como outros grandes escritores, Devi não somente escreveu ficção mas também refletiu sobre a literatura na primeira historiografia da literatura goesa de língua portuguesa, *A Literatura Indo-Portuguesa* (1971), publicada junto com seu marido, Manuel de Seabra. O que essas três obras têm em comum é que nelas a autora recria Goa antes de sua anexação à Índia em 1961, o que marca o fim do regime colonial português no subcontinente. Nascida em uma família pertencente à elite católica goesa, como Teresa da Piedade de Baptista Almeida (1932) na aldeia de Penha da França, Goa, Devi mudou-se para Lisboa em 1958, antes da saída dos portugueses. Foi, precisamente,

em Portugal onde a autora adotou o pseudônimo de Vimala Devi com o que publicou suas obras sobre Goa assim como seu outro livro de contos, *A cidade o os dias* (2008) e suas duas coletâneas de poemas *Holograma* (1969) e *Telepoemas* (1970), que lidam com outros assuntos e são ambientados fora de Goa. Sua escolha de persona poética mostra suas raízes nas duas culturas, a indiana e a portuguesa.

Melo e Castro, um estudioso da literatura goesa, define *Monção* como “um ciclo de contos” escritos por um mesmo autor, e relacionados pela sua coesão temática, sua delimitação temporal e o local onde as narrativas acontecem (2019, p. 3). Para Mary Louis Pratt (1994, p.104) o gênero conto é altamente funcional no caso de uma literatura como a goesa, desde que por meio dele não somente algumas temáticas são instaladas no âmbito do discurso literário nacional e internacional, mas ajuda afirmar uma literatura emergente, nem sempre tão conhecida.

A primeira edição de *Monção* de 1963 inclui treze contos enquanto a edição de 2003, a que foi traduzida para o inglês, traz mais três contos, escritos também em 1963, mas não publicados nesse momento. Todos esses contos, como também aponta Melo e Castro (2009), podem ser lidos como os últimos retratos da Goa colonial. Neles, Devi retrata o processo traumático de ver a Goa de seus ancestrais e de sua própria infância e juventude sumir no passado. Embora nunca abertamente anticolonial e olhando para o passado

com nostalgia, Devi recria de maneira crítica a pequena nobreza católica goesa, ao tempo que expressa sua profunda empatia com o subalterno goês. Nesse sentido, Devi, se alinha com outros grandes escritores goeses de língua portuguesa de seu tempo como Epi-tácio Pais (1924-2009) e Maria Elsa da Rocha (1924-2007), e de língua inglesa como Berta Menezes Bragança (1911-1988).

Embora, como aponta Fernandes na Introdução, nos contos de *Monção*, o subalterno quase não tem agência e é vitimizado, mas diferentemente de outras obras literárias goesas, ocupa um lugar de destaque e está presente em quase todos os contos do ciclo. Em entrevista com Daniela Spina (2020), Devi fala sobre a condição do subalterno goês: “Os trabalhadores viviam da terra em casas modestas, mas não eram pagos pelo seu trabalho. Eles eram tratados como servos. Eram pobres que não tinham salário, não tinham nada”. Ela acrescenta que embora fosse filha de proprietários de terras, não era indiferente ao sofrimento deles e podia ver essas injustiças de perto: “Tive a oportunidade de observar a vida desta gente pobre e vi que o sistema de Goa, um sistema semifeudal, foi muito injusto. Havia uma enorme desigualdade entre as classes sociais”.

Assim, em *Monção* o subalterno goês, definido por Parag Parobo (2011, p. 3) “nunca como um grupo monolítico” mas, como “um aglomerado de castas inferiores”, é representado através de uma miríade

de personagens. Em alguns dos contos, os oprimidos são retratados como figuras de fundo a partir de uma perspectiva afetuosa e nostálgica, como em “Memórias do Tio Salu” (“Memory of Tio Salu”), ou figuras coloridas em uma festa de rua de Ganesh, como no conto “Padmini”. Em outras histórias, o subalterno goês é recriado como uma personagem menor, uma presença silenciosa mas poderosa, trazida à cena para mostrar o declínio da elite e a ascensão dos oprimidos, como em “Declínio” (“Decline”). Às vezes, como em “Tiatr”, embora contado da perspectiva da elite goesa, o subalterno goês, neste caso os manducares [lavradores], são vistos em seu próprio contexto, o popular teatro goês, e fazendo o batecar [proprietário de terras] se sentir deslocado. Mas em outras histórias do ciclo, o subalterno assume o centro da narrativa e é apresentado como personagem principal, enquanto a elite goesa fica à margem. É o caso da filha da bailadeira no conto “Nattak”; o jovem *shudra*, que visa a mobilidade social, em “Esperança” (“Hope”); os pescadores dravidianos em “Os filhos de Jó” (“Job’s Children”; o lavrador curumbin em “Venus e seus braços” (“The Arms of Venus”); os pobres hindus e católicos, cujos caminhos se cruzam, em “A Droga” (“The Cure”). O movimento do subalterno para o palco central da literatura de Devi está diretamente relacionado à sua ascensão hesitante, mas firme, na sociedade goesa, conforme aponta Melo e Castro, 2019. Nesse contexto, os temas principais desses con-

tos são questões de casta, a relação conflituosa entre os batecares, donos de terras, e os manducares, seus arrendatários; diferenças entre católicos e hindus; o regime quase que feudal de posse da terra.

Outras temáticas são a migração para a Índia, baixo dominação inglesa, ou para as colônias inglesas e portuguesas na Ásia, ou para o Brasil, devido à estagnação econômica de Goa como em “O futuro e o passado” (“The Future and the Past”); costumes fossilizados como os casamentos arranjados e a dote para o casamento, como no conto “Incerteza” (“Uncertainty”); o lugar da mulher na sociedade goesa católica, como em “O genro comensal” (“The House Husband”) o da mulher hindu em “Dhruva” e “Padmini”. Apesar dos conflitos, Devi faz questão de mostrar que todos eles são parte da mesma identidade cultural constantemente refeita através de seus próprios atos de recusa e reconhecimento.

O tratamento dessas temáticas, como aponta Jason Keith Fernandes na Introdução à tradução de *Monção*, mostram a situação social, política e econômica de Goa nos últimos anos do regime português marcados ora pelo desejo e necessidade de mudanças que melhorassem a condição dos goeses, ora pelo temor de entrar em uma nova ordem política e social que mudaria o *status quo* de muitos. Porém, como argumenta Melo e Castro (2009), nos contos, Devi não se foca em um inimigo exterior como, por exemplo, Portugal, mas no inimigo interior, aqueles costumes

retrógrados ainda presentes na sociedade goesa. São alguns desses aspectos que Fernandes discute por extenso na Introdução com o ensejo de proporcionar ao leitor não familiarizado com Goa um marco teórico que lhe permita melhor entender o predicamento das diferentes personagens.

Monção, então, não é somente uma das obras mais proeminentes da literatura goesa, tanto de língua portuguesa quanto das línguas vernáculas de Goa, concani e marati, mas da literatura indiana em geral, da tradição literária de língua portuguesa além das fronteiras nacionais, assim como do que hoje chama-se de literatura mundo. Daí a importância de sua tradução, nesse caso para língua inglesa, já que a obra tinha sido traduzida para o catalão, *Monsó* (2000) por Vimala Devi e esperanto, *Musono* (2000). Como é sabido, em um país plurilíngue com a Índia no que não há uma única tradição literária nacional em uma língua nacional e de conhecimento, como nos países monolíngues, a tradução é condição *sine qua non* porque contribui para encorajar a comunicação entre as diferentes comunidades que fazem parte da nação. Nesse quadro se, por um lado, muitas vezes são preferidas as traduções horizontais entre línguas vernáculas, mais do que as verticais, como seria o caso das traduções das línguas vernáculas para a língua inglesa, o inglês hoje é considerado como mais uma língua indiana e tem a função de língua veicular entre as diferentes línguas locais. No caso particular

de *Monção* seria a tradução entre duas línguas nacionais europeias. Vale apontar que, diferentemente do inglês, o português foi a língua materna de muitos goeses da elite católica, mas não chegou a se afirmar em Goa como foi o caso de inglês. A tradução impecável de Paul Melo e Castro para o inglês fez com que *Monção* seja acessível não somente para os muitos goeses que já não falam português, desde que essa língua deixou de ser a língua oficial de Goa em 1961, mas também que a obra possa ser lida em outros lugares da Índia assim como em outros países.

Como apontado anteriormente, Paul Melo e Castro tem um conhecimento aprofundado da obra de Devi e da literatura goesa em português o que contribui para a qualidade da sua tradução. Por sua vez, Melo e Castro já tem traduzido outras obras da literatura goesa para o inglês, entre elas, a antologia de contos *Lengthening Shadows* (2016) cujo título é a epígrafe de *Monção*. O equilíbrio perfeito entre a domesticação e a estrangeirização do texto em português, na nomenclatura de Venuti (2002), que se revela no tratamento dos nomes dos lugares e das personagens (ver nota de tradução), nas escolhas lexicais, na pesquisa do tradutor para a construção do Glossário de termos em concani e português traduzidos para o inglês, faz com que *Monsoon* tenha a mesma qualidade literária do que *Monção*.

Referências

- DEVI, Vimala. *MONSOON*. Tradução Paul Melo e Castro. Introdução Jason Keith Fernandes. London, New York, Calcutta: Seagull, 2019.
- MELO E CASTRO, Paul. Vimala Devi's Monção: The Last Snapshots of Colonial Goa. In: *Portuguese Studies* vol. 25, n. 1, 2009, pp. 46-64.
- MELO E CASTRO, Paul. "Em torno do fim: Goa tardo colonial no ciclo de contos Monção" (1963) de Vimala Devi. *VIA ATLÂNTICA*, SÃO PAULO, N. 36, 15-41, DEZ/2019.
- PAROBO, Parog. *India's First Democratic Revolution – Dayanand Bandodkar and the Rise of the Bahujan in Goa*. New Delhi: Penguin, 2015.
- PRATT, Mary Louis. The Short Story: The Long and the Short of It. In: *The New Short Story Theories*. Charles May, ed. Athens, Ohio: Ohio U. Press, 1994.
- SPINA, Daniela. Uma vida de um certo lirismo. Entrevista com Vimala Devi. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 36, dez. 2019, pp. 335-346.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerdo e Valéria Biondo; Bauru, SP: EDUSC. 2002.